

RESPOSTA A UMA CERTA MISSIVA

RECEBI sua carta com esse gosto de missiva, de coisa antiga e meiga, que para mim é seu gosto. Você rirá, tão bem instalada no mundo moderno você é, sabendo as coisas tôdas, já tendo lidado com gente de todos os vícios, conhecendo muitas receitas — você sabe muito! — e todos os truques, você é de uma geração de mulheres do Brasil a que eu chamo de geração forte — nem me digam que essas meninas que hoje começam a badalar por aí serão ainda mais fortes — não sei, conheço algumas, são diferentes, oscilando entre o **twist** e a sonoterapia, começam a viver mais cedo, em todo caso me dão a inquieta impressão de que provam de tudo e não sabem de nada — ah, minha amiga, que vontade de bater um papo longo com você, aquelas conversas de Ipanema, se lembra? — quando a tarde começava a descer e o **rush** dos pássaros sôbre os terraços, ao longo do mar, passando com tanta pressa do Leblon para o Pôsto Seis nos fazia pensar, meio tristes, que a noite não tardaria a chegar e breve seria a hora de você sair, me mandar um último sorriso antes de dobrar a esquina para pegar seu carrinho — desculpe, agora que comecei a lembrar estou com saudade de tudo, até de seu carrinho — ah! nosso tempo era bom... Era bom.

No fundo é isto apenas que sua carta diz: era bom; foi bom. O que eu acho antigo e meigo é você ter me escrito apenas para dizer isso, e dizer com simplicidade de alma, sem remorso nem aflição: foi bom. Foi bom talvez porque, para começo de conversa, não aborreceu ninguém.

Mesmo livres, dos dois não quisemos que ninguém nunca soubesse nada — para, nem por acaso, ferir ninguém; isso é na verdade muito bom, saber que em um mundo de tanta tristeza nosso pequeno mundo conseguiu existir sem fazer triste ninguém, como se o pequeno apartamento boiasse em uma nuvem dourada, longe de tudo e de todos... pois sim, você dirá rindo, e aquêle susto quando eu perdi a chave do carro! e aquêle nosso conhecido que estava no bar da esquina — e aquela amiga com quem eu esbarrei na calçada — e aquêle seu amigo que bateu na porta um minuto depois de eu chegar?

É verdade, houve algum susto e perigo — mas quanto cigarro fumado com sossêgo, também! quanta conversa comprida, largada, íntima, sem astúcia nem farol, nenhum de nós dois fingindo de inteligente nem de bacana — acho que tudo foi tão bom porque eu não queria mais nada de você e você não esperava mais nada de mim, nosso amor era uma estima — bem aconchegada, é claro, mas uma grande estima de corpo e alma, acho que pouco ou nada falamos de amor, não é? e nos amamos com uma certa honestidade, não foi mesmo? — ah, eu sou um homem decente, eu sou de uma boa família de Cachoeiro de Itapemirim, e você para mim é a imagem mesma da mulher decente — vamos falar bem de nós dois? Merecemos. Nesse caso, pelo menos, um em relação ao outro, merecemos. Fomos bons. Foi bom. Muito, muito, obrigado pela cartinha. Adeus.

*Radio ME 4.8.62
"quadrante D"
"Ela e Ela" nº 108
FLU, abri 181
RN 158
e 216*

*Recado de
Primavera*

*análise de
grupo e o
sexo grupal*

526 - 19-5-1962